A SÓCIA DA MORTE

DOSSIÊ DE APRESENTAÇÃO

Obra literária inédita • Roteiro/adaptação audiovisual pronto

JUVÊNCIO MARINS

Escritor • Jornalista • Professor • Historiador

Material destinado a editoras, agentes literários e produtoras audiovisuais

1. Ficha da obra

Título: A SÓCIA DA MORTE

Autor: Juvêncio Marins

Gênero: Ficção científica / thriller de conspiração / ação / suspense

Extensão: 206 páginas na edição integral apresentada.

Estágio de desenvolvimento: Obra literária completa e roteiro/adaptação audiovisual pronto.

Público-alvo: Leitores e espectadores adultos e jovens adultos de ficção científica, conspiração, ação e suspense.

Formato de exploração: Edição literária, longa-metragem, série e projetos multiplataforma.

2. Pitch

Faltam três dias para o impacto de um asteroide capaz de devastar a Terra. Enquanto um Comitê que controla governos, informações e instituições científicas prepara secretamente o teletransporte de 500 milhões de escolhidos para colônias em Marte, Rachel Arriston, cientista especialista em magnetismo multidimensional, recusa integrar o projeto e decide impedir a catástrofe. Perseguida por agentes de diferentes organismos, ela encontra no Cronovisor uma ligação improvável com Nikola Tesla e uma possibilidade de salvar o planeta.

Em seu encalço está Liza Becker, a implacável “Sócia da Morte”, cuja tatuagem — “No Chance, No Escape” — resume a ameaça que representa. Mas a perseguição encobre uma revelação ainda maior: os destinos de Rachel, Liza e um terceiro protagonista estão ligados por laços de sangue e por uma origem marciana. A SÓCIA DA MORTE une ação, tecnologia, suspense e um segredo familiar capaz de transformar o sentido da própria missão de salvar a humanidade.

3. Sinopse

A cientista Rachel Arriston, especialista em magnetismo multidimensional, rejeita o convite para integrar o projeto, articulado por uma estrutura de poder internacional que manipula a divulgação de uma ameaça planetária: o asteroide ARN-2036 está em rota de colisão com a Terra, e restam apenas três dias. Sob a fachada de pesquisas científicas, o grande acelerador de partículas do CERN integra um plano de teletransporte de 500 milhões de pessoas para colônias humanas estabelecidas em Marte ao longo de quatro décadas.

À medida que descobre o alcance do Comitê e sua influência sobre agências, governos, observatórios e meios de comunicação, Rachel torna-se alvo de uma perseguição implacável. Entre seus adversários destaca-se Liza Becker, agente de excepcional capacidade operacional, conhecida como a Sócia da Morte. Disfarces, operações clandestinas e assassinatos convertem a contagem regressiva em uma corrida por sobrevivência.

Em Nova Iorque, Rachel volta a experimentar o Cronovisor, dispositivo capaz de captar imagens e sons de outros tempos. Através dele, estabelece contato com Nikola Tesla, em 1943, no hotel New Yorker. As orientações do inventor apontam para uma alternativa de defesa baseada na combinação de satélites, energia eletrostática e campo magnético terrestre, capaz de produzir um portal multidimensional e desviar o asteroide.

Enquanto o projeto secreto avança, as lealdades e as identidades dos envolvidos deixam de ser aquilo que pareciam. Rachel descobre que o pai, dado como morto, idealizou o projeto e que sua própria história começa em Marte, onde nasceu e onde sua mãe continua viva. A trama revela ainda um terceiro protagonista, irmão de Rachel e Liza: os três nasceram em Marte. O vínculo entre eles desloca o conflito da sobrevivência coletiva para uma disputa íntima de origem, família, poder e destino.

Na operação decisiva, a possibilidade de desviar o asteroide para Marte confronta a promessa de salvação oferecida aos escolhidos do Comitê. A participação de Liza na determinação das coordenadas e as consequências do impacto ampliam as reviravoltas de um thriller no qual a ameaça cósmica, o aparato tecnológico e os segredos de família convergem para uma decisão irreversível.

4. Diferenciais e posicionamento

Contagem regressiva de alto impacto. Três dias até a colisão estabelecem urgência e tensão constantes.

Conspiração de escala global. O controle de governos, agências, observatórios e informação sustenta o conflito político e científico da ficção.

Duas figuras femininas de grande força dramática. Rachel enfrenta o sistema pelo conhecimento; Liza Becker personifica o perigo, o disfarce e a execução.

Revelação familiar estruturante. A origem marciana de três irmãos dá nova dimensão aos confrontos e aos acontecimentos.

Iconografia reconhecível. O Cronovisor, a tatuagem da Sócia da Morte, o acelerador, o asteroide e as colônias marcianas compõem identidade visual marcante.

Combinação de gêneros. Ação, ficção científica, thriller de espionagem, conspiração e drama familiar.

5. Potencial editorial e comercial

A SÓCIA DA MORTE apresenta uma premissa comunicável em poucas linhas — um plano secreto de evacuação de parte da humanidade às vésperas do impacto de um asteroide — e a desenvolve por meio de perseguições, ciência especulativa, segredos de Estado e reviravoltas familiares. O contraste entre salvação coletiva e seleção privilegiada cria um eixo de interesse editorial e de comunicação. A Sócia da Morte, com sua assinatura visual e sua participação no mistério dos três irmãos, constitui personagem de forte reconhecimento para divulgação e adaptação.

6. Potencial de adaptação audiovisual

Estrutura de thriller com prazo definido: a contagem regressiva de 72 horas sustenta a progressão dramática e a montagem paralela.

Diversidade de cenários: Nova Iorque, instalações científicas, operações de inteligência e colônias em Marte oferecem contrastes visuais e de escala.

Personagens com conflitos próprios: Rachel, Liza e o terceiro irmão formam o núcleo humano que ultrapassa a intriga científica.

Set pieces audiovisuais: perseguições, operações de agentes, experiências com o Cronovisor, instalações do acelerador, manobras de satélites e ameaça cósmica.

Possibilidades de formato: longa-metragem de ficção científica e ação ou série limitada de suspense conspiratório.

Material desenvolvido: obra literária completa e roteiro/adaptação audiovisual pronto.

7. Público-alvo

Leitores e espectadores adultos e jovens adultos interessados em ficção científica, thrillers conspiratórios, espionagem, ação e suspense, especialmente narrativas com protagonistas femininas, segredos de identidade, tecnologia especulativa e dilemas de sobrevivência planetária.

8. Sobre o autor

Juvêncio Marins é escritor, jornalista, professor, historiador. Foi cronista no Jornal da Bahia e na Tribuna Feirense. Finalista por três vezes do Prêmio SESC de Literatura, venceu os Prêmios Letras de Salvador e Mentes Verdes. É autor de obras de ficção e desenvolve também projetos com possibilidade de adaptação para outras linguagens, inclusive editoriais e audiovisuais.

9. Obras publicadas

• Crônicas e Contos que a Bahia Conta

• A Ordem de Bridge

• Blindfolded — Vol. I: Reação (também editado em formato HQ)

• A Regra — Vol. I: O Homem que Nunca Existiu

• Ponto Final

• A Irmandade da Cobra que Fuma

• A Casa de TR

• A Letra Morta

• A Casa Número 11 — Vol. I: O Assassino do Cano Duplo

• A Casa Número 11 — Vol. II: O Homem sem Rosto

10. Informações e contatos do autor

JUVÊNCIO MARINS

Escritor • Jornalista • Professor • Historiador

E-mail: maisde3neuronios@protonmail.com

Telefone / WhatsApp: (55 71) 99626-4779

Site: www.maisde3neuronios.com

AMOSTRA DA OBRA

Capa, elementos iniciais, prólogo e capítulos 1 a 8



Deixe o futuro dizer a verdade e avaliar cada um de acordo
com seus trabalhos e conquistas
Nikola Tesla

NOTA 1

O CRONOVISOR (do grego Χρόνος, que significa ‘tempo’; visor, 'reprodutor visual') era um aparelho capaz de captar ondas quânticas do passado, que permaneceriam no universo. Foi construído na segunda metade do século passado, atribuindo-se sua criação ao padre italiano Pellegrino Alfredo Maria Ernetti, que o teria desmontado, por questões políticas, econômicas e teológicas óbvias, e seus componentes estariam agora em uma sala secreta do Vaticano. Ele é composto por um tubo visualizador/projetor de três dimensões, uma antena composta de uma liga de metais de todos os tipos e um seletor que funcionava na velocidade da luz. Em seus relatos, o padre Ernetti afirmou que viu e ouviu em três dimensões vários acontecimentos históricos importantes do passado, tais como a apresentação da tragédia Tiestes, do pai da poesia latina Quinto Ênio, de 169 a. C., discursos de Benito Mussolini e Napoleão Bonaparte. Disse também ter visto a morte de Jesus Cristo na cruz. A psicometria, fenômeno bem conhecido dos espíritas, serviria como base para a hipótese inicial da construção do Cronovisor.

NOTA 2

As PEDRAS GUIAS DA GEÓRGIA formam um monumento em granito localizado no Condado de Elbert, Geórgia, Estados Unidos e nele estão gravadas dez frases em oito línguas modernas: inglês, espanhol, suaíli, hindi, hebreu, árabe, chinês e russo; e mais quatro antigas línguas: babilônico, sânscrito, grego e hieróglifos egípcios. Entre as frases, destaca-se a que indica o número de 500 milhões de pessoas como ideal para a existência da humanidade.

NOTA 3

O CERN é o maior laboratório de física de partículas do mundo, localizado em Meyrin, região de Genebra, na fronteira franco-suíça. Em 2010 tinha um efetivo de aproximadamente 11 mil cientistas e engenheiros, representando 580 universidades e centros de pesquisa de 80 nacionalidades. O CERN possui os equipamentos necessários para a pesquisa de alta energia física. Nele realizam-se pesquisas de aceleração de partículas, cuja aparelhagem para o Colisor de Hadrons envolve um túnel de 27 quilômetros de circunferência.

NOTA 4

A FEMA é uma agência do governo dos Estados Unidos da América, subordinada ao Departamento de Segurança Interna. Gestada em 1979, foi dotada de recursos, a partir de 2001, com o objetivo de coordenar situações críticas, com poderes ilimitados em ocorrências de desastres e conturbações sociais.

PRÓLOGO

"A sócia da Morte"

A CAIXA DE EMAILS DO DIRETOR MICHAEL ROTENBURG TINHA, AO menos, duas dúzias de mensagens com o mesmo título, e isso o chateava. Para disfarçar o mau humor, ele mantinha o sorriso metálico e sacudia o corpo robusto, tragando o charuto como quem mordia um bife duro e ressecado. Apesar de já ter visto alguns dos mais importantes eventos científicos e militares dos Estados Unidos, seus olhos permaneciam incomuns; sua personalidade, serena; e seu pragmatismo, lendário. Por trás dos ternos escuros e daquele jeito calmo e zeloso, existia um estrategista brilhante; simplesmente um modelo de eficiência.

Desde que assumira o comando da sede regional da FEMA de Long Island, em Nova Iorque, em agosto do ano anterior, indicado pelo governador do Wyoming, Rotenburg implantou uma rígida política no órgão federal, procurando tratar as questões cruciais com o crivo de sigilo extremo e emprego de medidas de força somente quando tal fosse, de fato, necessário, para evitar estardalhaços.

A instituição, oficializada pelo Patriotic Act, depois do 11 de setembro, era alvo permanente dos inúmeros teóricos de conspirações muitas vezes inexistentes, mas quase sempre ruidosas. Uma organização tão temida quanto ridicularizada, e Rotenburg sabia como desenvolver, e, principalmente, com quem podia contar para tanto. As muitas condecorações durante seu tempo nos escritórios da CIA, no Iraque, na Síria e na Ucrânia, fizeram dele o homem ideal para tratar assuntos delicados. O tema daquela tarde tinha tudo a ver com a pessoa que chamou ao seu gabinete, em Manhattan.

Rotenburg arrumou o vinco da calça antes de se inclinar para trás na sua confortável poltrona. Estava cheio de expectativas, contemplava a bela mulher em pé e pela milésima vez constatava que ninguém mais agiria com a precisão e o sigilo que a questão exigia. Sabia que quando ela estivesse em campo, o inferno seria o lugar mais agradável para quem criasse obstáculos na sua jornada.

- Sente-se, Liza – disse para a loira, que o observava.

Liza Becker era indiscutivelmente a melhor agente que Rotenburg encontrara nos seus muitos anos naquela atividade. Desconhecia o medo, não falhava, não costumava deixar pistas, e, quando estava em missão, os cadáveres se multiplicavam. Era

bem-humorada com os próprios feitos, e suas frases impactavam entre os colegas que sabiam sobre ela:
Cansado de viver?
Sou sócia da Morte
Que culpa tenho se o inimigo esbarra nas minhas balas?
Ele estava convencido que Liza era predestinada. Nasceu para aquilo. Descobria informações com métodos inusitados, infiltrava-se e executava o inimigo, antes mesmo que qualquer um percebesse ou reagisse.
Liza cruzou as pernas. Trazia uma pasta e ficou quieta, esperando a vez. Rotenburg era cheio de estilo e perspicaz, todavia, conhecia-o perfeitamente pelo tom de voz. Quando falava baixo, como no caso, era porque sufocava um vulcão dentro dele.
Ela percorreu o gabinete. Olhou para a estante de vidro e viu as condecorações do seu superior, cercadas por fotos dele com ela. Liza suspirou profundamente por um momento, lembrando-se da faculdade e de Jackson Danton, seu primeiro homem, seu melhor amante e sua porta de entrada na CIA. Foi quem a apresentou a Michael Rotenburg. Um ano foi o tempo necessário para retirar do corpo as tatuagens com os nomes e apelidos do namorado.
“Descanse em paz, Jack” – pensou, recordando de como fez para eletrocutá-lo, quatro horas após transarem no elevador da embaixada norte-americana, na Ucrânia, ao descobrir que ele fazia jogo duplo com os russos.
- Bem – iniciou o diretor. – Precisarei dos seus serviços, como de hábito. Porém, preciso de tudo resolvido até a madrugada.
Ela mexeu discretamente a boca. Poucos desconfiavam sobre o que realmente fazia como assistente do diretor. Seu serviço avançava muito além da mera burocracia. Ela era a espada, a foice e o patíbulo. Suficientemente preparada. Astuciosamente planejada, aguardando somente o ‘pegue sua valise e comece’. Seu Chevrolet estaria pronto, estacionado no subsolo do prédio. Imaginou-se nele subindo a rampa, virando para o sul na Brodway. Reduziria a velocidade na 7ª Avenida e abriria as janelas para admirar a sua Nova Iorque, com sua dinâmica, seus perigos, suas pessoas medrosas, furtivas e ao mesmo tempo indolentes, com suas atitudes defensivas, vazias. A cidade universal, onde os espertos e fortes se deliciavam em massacrar os crédulos, os inocentes e os fracos, até cruzarem com alguém como ela, autointitulada parceira da morte, que jamais teria motivo algum para ser condescendente, nem tampouco submissa, nem com os bons e muito menos com os rudes. A megalópole de quase oito milhões de habitantes era seu habitat.
Liza sempre gostou de agir sozinha em Nova Iorque. Ninguém temia uma mulher só, que, mais cedo ou mais tarde, poderia ser dominada e morrer ou fugir. Pura estratégia. Amava isso. Era apaixonada pelo que fazia. Rodou o mundo matando, dissimulando e tramando. Mas era ali que se realizava. Era onde podia matar e dirigir seu 4x4 distraidamente por Manhattan, de volta para casa, abrir uma cerveja e morder o pedaço de pizza, lambuzando os dedos. Era o lugar em que podia se ver refletida nas vitrines e

rir da irracionalidade dos convidativos sorrisos que recebia de homens e mulheres, ávidos por sua beleza, pelo sexo que poderia lhes proporcionar, pela companhia sofisticada. Tolos, diria intimamente. Não desconfiariam, mesmo à beira da morte, que deveriam temê-la. Mas, cegos, adoravam-na. Isso a divertia. Era sua tática. A confiança e a tranquilidade que transmitia, com seu modo de vestir, sua maneira de andar e o olhar atraente e estimulador, que multiplicava a influência que tinha sobre as pessoas.
Rotenburg a mirou profusamente.
- Veja – disse, mostrando a tela do computador.
- Essa lista o preocupa?
Ele baforou o charuto em bolas.
- Leia os nomes em voz alta, por favor – pediu.
Liza aproximou o corpo comprido e delgado da mesa para fazê-lo. Os volumosos seios brancos avançaram voluptuosos, fazendo Rotenburg remexer-se:
- Bob Dean, William Cooper, Stephanie Relfe, Rod Stevens, Gordon Novel, David Wiltock, Jordan Maxwell, Virgil Amstrong, Laura Eisenhower, Don Iron, Rachel Arriston…
Ele sinalizou e ela cessou a leitura.
- Desnecessário perguntar o que sabe sobre essas pessoas – disse.
Liza sorriu.
- Sem dúvida, senhor.
Rotenburg franziu a testa. Liza esperou que ele terminasse de pensar.
- Qual o código de execução que essas pessoas receberam?
- F1, senhor.
Ele comprimiu as costas na poltrona, observando-a. Ela prosseguiu:
- Pelo que consta, não usamos o código F1 em nenhum deles.
Ela fez uma pausa ligeira e arrematou:
- Ainda.
O diretor concordou com um aceno, e perguntou, sob o olhar sagaz de Liza:
- Preciso dizer quem você deverá executar?
- Desnecessário, senhor.
Ele acendeu outro charuto e admirou a fumaça em volta.
- Por que exatamente ela, senhor?
- É necessário – respondeu.

Ela assentiu sem objetar. Em seguida fez outra pergunta:
- E Gary Flynt?
Rotenburg sorriu antes de responder:
- Totalmente no escuro. Acionei a equipe dele somente para mantermos as aparências.
Liza também riu. Seus lábios finos arquearam.
- Não chegou o momento de trazermos pessoas como Gary para o Alternativa 3, senhor?
Ele ampliou o riso e respondeu:
- Alternativa 3 é somente para pessoas como eu e você.
Ele iria dizer algo, quando o sinal holográfico vibrou, acionando a tela do computador.
- Ora, veja isso – disse.
A transmissão exibia imagens de acidente automobilístico com um famoso astrônomo.
- Joshua Villareal e sua equipe de pesquisadores espaciais. Semana passada estavam num jornalístico exigindo maiores verbas para proteção do planeta contra asteroides.
Rotenburg olhou para ela, depois de ver os corpos:
- O Comitê está fazendo um bom trabalho, de fato.
- Pensei que pessoas como ele estavam sob nossa alçada.
- Estamos assoberbados, Liza. Nos últimos quatro meses desativamos dois mil e oitocentos sites, setecentas estações de rádio e cento e vinte emissoras autônomas de Tv.
- Acrescente à lista os mais de quinhentos indivíduos que executamos.
- Executamos?
- A soma da agência, senhor.
- Sozinha, você eliminou cento e vinte dessas pessoas. O resto foi trabalho duro para os mais de trezentos agentes que disponho.
Ele ergueu as sobrancelhas, apontando para ela:
- Sem contar que foi graças ao seu interrogatório especial que Jacob Durant abriu o bico, e revelou os planos dos extremistas muçulmanos na Nigéria.
Ela fez uma expressão irônica.
- Coisas da profissão, senhor.
Ele também riu:
- Coisas da profissão? Pergunte ao Durant sobre a dor que sentiu quando você colocou fogo nos dedos dele, antes de cortar as falanges?
Ele meneou a cabeça:

- Não há como perguntar. Pois, como você mesma diz, quem mandou ele esbarrar a cabeça nas suas balas?
Ele sorriu.
- Você é o diabo, Liza.
- O diabo trabalha para mim como jardineiro, senhor.
Rotenburg inspirou, rindo devagar:
- Como é mesmo o nome daquele golpe que criou recentemente?
Liza cruzou os braços:
- Corrente texana, senhor – disse.
Ele sacudiu cinzas do paletó, baforando. A corrente texana era uma modalidade de ação que ela usava em combates frontais para enforcamentos em espaços curtos. Um movimento rápido, que consistia em saltar e montar nos ombros do adversário, girando as pernas até sufocá-lo, prendendo uma corda em volta do pescoço dele, enquanto atava a outra ponta da corda em qualquer coisa que estivesse em deslocamento.
- Ainda bem que não usou a Marguerita nele.
Ela fez uma expressão de ironia:
- Marguerita está quieta, depois da última missão. É para clientes especiais – disse.
Rotenburg olhou para o lado e riu, lembrando do formigueiro com formigas carnívoras que ela guardava numa gaiola.
- Enfim – disse.
Liza ergueu o elegante corpo e olhou para a pasta, antes de prosseguir.
- Posso?
- À vontade. Leve-a e isto também – ele estendeu o braço, entregando um envelope. – O seu chip e as senhas estão no interior, junto com o necessário.
Ela segurou o envelope como se fosse de ouro.
- Recomendo que insira o chip ainda hoje, Liza.
Ela sentiu-se rejubilada. Rotenburg sacudiu a cabeça e observou:
- A partir daí você terá 72 horas para sua grande viagem.
Era o coroamento de toda a dedicação, e, de certa forma, uma homenagem ao seu trabalho, sempre desenvolvido com denodo.
- Como agradecerei, senhor?
Ele a admirou por um instante.
- Surpreenda-me, como sempre – disse ele, girando a poltrona.

Liza conhecia a forma de pensar e de agir de Michael Rotenburg. Ele brincava, dizendo que ela era dona um senso quase paranormal.

Ela olhou duas vezes sobre os ombros, para certificar-se que seu gingado ainda provocava reações no diretor, e depois que alcançou a sala reservada, abriu o armário e acionou o som, deixando vibrar The Gray Chapter, da banda Slipknot. Ela recolheu uma maleta, alguns objetos, apostilas, óculos e duas armas automáticas. Destravando a menor delas, Liza olhou para o nome escrito no alto da pasta e sorriu sinistramente, enquanto conferia a munição.

- Muito bem – murmurou.

Liza Becker tinha trinta e três anos, mas aparentava bem menos, com aquela pele delicada que emoldurava o rosto atraente e sexy. Procedente da Dinamarca, se naturalizou norte-americana, durante a faculdade de Química, quando se aproximou de professores ligados ao FBI, que enxergaram nela o potencial para a atividade.

Ao entrar para o serviço secreto, foi laureada como especialista em armas, lutas e estratégias. Ingressou na seção FEMA, em Long Island, no início daquele ano, a pedido de Rotenburg, que trabalhou com ela na CIA. Liza era a máquina perfeita para dissuadir, capaz de extrair segredos utilizando formas nem sempre sutis, simular mortes ou elaborar intrigas e estratégias.

Um demônio sensual com ares de inocência.

- Três dias – sussurrou, após inserir o chip do tamanho de um grão de arroz no dorso da mão direita, sentindo um discreto arrepio.

Liza retocou o batom, trocou rapidamente a roupa, tirou os sapatos com saltos falsos, que elevavam sua altura, e calçou botas com compartimentos para armas convencionais e elétricas de última geração. Depois, colocou cílios postiços e retirou a peruca loira, revelando o cabelo preto e curto. Com habilidade e rapidez, ela escondeu com maquiagem específica a frase tatuada na base do pescoço, e a grande tatuagem que tinha nas costas:

NO CHANCE

NO ESCAPE

- Rachel Arriston – murmurou, abrindo a valise. – Seremos amigas de infância, em menos de uma hora. Comporte-se, garota, pois meu pavio é tão curto quanto o meu cabelo.

Em seguida, guardou o necessário no armário e fechou a maleta, após conferir o seu conteúdo. Acariciou a pistola, limpando o cabo com um lenço de papel.

“Fico nua, quando estou sem você, querida” – pensou, introduzindo o pente de balas.

- Ao trabalho – disse, colocando o par de óculos redondos, depois de alterar a cor dos olhos com um liquido especial.

Observou-se no espelho, treinando rapidamente algumas expressões corporais e faciais. Em seguida, travou a pistola, apagou a iluminação e desapareceu na curva do corredor.

CAPÍTULO 1

“O assassino que bebia sangue”

AINDA QUE MUITOS SE SENTISSEM POUCO CONFORTÁVEIS COM SEU estilo objetivo e sem rodeios, a pessoa que comandava o Comitê Central era a antítese perfeita do seu antecessor. Não dispunha do mesmo tino político e nem tinha a mesma paciência que ele; no entanto, cumpria seu dever com um senso racional abnegado e uma vontade indômita.

Moveu-se na poltrona, inquietamente. Afinal, todos sabiam que gostava de ir direto ao ponto. Mirou o homem forte à sua frente, e, quando ele sorriu, retornou o olhar para o relatório que tinha nas mãos. Os dados eram impressionantes, e o número de páginas justificava o rejubilo. As laudas revelavam somente pontos positivo, como o controle de mais duas dezenas de observatórios astronômicos difundidos na Ásia, América do Sul e Austrália, inclusive o Observatório Europeu do Sul e o complexo ALMA, no Chile, a maior joia da astronomia mundial, o mais significativo sistema de radiotelescópio do planeta, inaugurado em 2013 e situado no deserto de Atacama.

Composto pela alta cúpula científica, financeira, política e militar do planeta, com sedes na Alemanha, na Suíça, na Rússia e nos Estados Unidos, o Comitê Central dispunha de ilimitados recursos financeiros, militares e tecnológicos, e controlava mais de 90% de todo o sistema de satélites, telescópios e bases de pesquisa. A rede lançada há 40 anos frutificou. A NASA, um dos seus braços visíveis, detinha poder absoluto sobre as informações, manietando telescópios como Hubble, Compton, Spitzer, Chandra, Gemini e o do Monte Palomar; observatórios nos Estados Unidos, no Chile, na Espanha, na Noruega e no Canadá; Agências astronômicas em Mallorca, La Sagra, Buenos Aires, Barcelona, Pic Du Midi, Quito, Belo Horizonte e Sierra Negra; e centros internacionais de pesquisa espacial, como os de Varsóvia, Turim, Nova Déli, Cidade do Cabo, Moscou, Pequim, Tóquio, Vancouver, Belgrado, Londres e Canberra.

Nesses núcleos científicos, o Comitê designava pesquisadores do seu corpo técnico, afastando os que não comungavam na sua cartilha. A extrema vigilância possibilitava a identificação instantânea de qualquer divulgação imprevista, sendo prontamente desmitificada a fonte e alterado o conteúdo. O que restasse, ficaria como manancial para estudiosos sem recursos ou para instigadores de teorias conspiratórias.

Seus tentáculos estavam espalhados pelo sistema de comunicações da Terra. Com as gigantescas redes de informação como parceiras e sob controle, as rédeas eram mais curtas ainda nas emissoras regionais de rádio e Tv, em redações de jornais e em qualquer outro meio de comunicação, principalmente a internet, devidamente filtrada e monitorada.

Com o controle sobre a parte estratégica, o Comitê aprofundou suas teias nos demais setores da sociedade. Oitenta países, entre as maiores economias do planeta, estavam diretamente envolvidos. Pouquíssimas vozes discordavam das ações. Os que tentavam eram cooptados ou arruinados financeira e cientificamente, ridicularizados ou eliminados através de ações de limpeza executadas diretamente por seus agentes ou delegadas.

O próprio Papa era exemplo disso. Sobrevivia enclausurado em Castel Gandolfo, há meses, sob a alegação de um interminável tratamento médico, por ter opinião diversa a respeito da divulgação das informações sobre o asteroide ARN-2036, obtidas pelo observatório do Vaticano, no Monte Graham, no Arizona. Por conta disso, foram dados como desaparecidos treze padres e quatro bispos responsáveis pelas pesquisas espaciais da Santa Sé.

- Voltemos ao assunto – disse.

- Perfeitamente.

- CIA, FBI, FEMA, INTERPOL, MOSSAD ou qualquer outra agência não criarão problemas – disse, pondo os documentos sobre a mesa.

- A rede de influências do Comitê é admirável.

- Não é à toa que você faz parte dela.

- Parece incrível. Um asteroide com o tamanho de dezenas de campos de futebol colidirá com o planeta nos próximos dias e ninguém compreende isso.

- Os que tentam são poucos. São menos ainda os que lhes dão ouvidos.
- Não convencem nem a meia dúzia de pesquisadores nos seminários regados a café.
- Sempre foi assim.
- Logo será impossível manter em segredo essa informação.
- Será tarde demais.
- Haverá tumultos.
- Isso será problema dos 6 bilhões e 500 milhões de humanos que ficarem aqui.

Os dois riram.

- Mudando de assunto, quando deverei agir?
- Assim que todos estiverem em campo.

O homem cruzou as mãos, olhando para o painel ao lado.

- Você deverá ser rápido e eficaz.
- Perfeitamente.

O homem ergueu o indicador, com a testa franzida, e disse:

- Eis a pessoa mais perigosa. Não conhece o medo – apontou o dedo para uma foto.
- Não creio que esteja à sua altura. Você é mais experiente. Ela é humana, e também sentirá medo, quando estiver sob sua mira.

Pausou, olhou-o penetrantemente e perguntou:

- É verdade que você bebe o sangue dos inimigos que derrota?

O homem riu sem abrir muito a boca:

- Aprendi com aborígenes. Isso transfere a força dos adversários abatidos. Na verdade, é uma maneira de homenageá-los, antes da grande travessia para o submundo.
- Interessante. Sua fama antecede a sua chegada.
- Alimento-me com o medo que os adversários têm de mim.
- Ótimo. Essa pessoa não será problema.
- Trarei a cabeça dela e dos outros três. Considere o serviço feito.
- Não. Você me deve três cabeças, e não quatro.

Apontou para uma foto:

- Essa pessoa é absolutamente intangível – disse.

Ele confirmou com um aceno.

- Não será difícil – disse.

- É o preço para que esteja no projeto. Caso contrário, nada feito.
Ele mirou a mão direita, onde pulsava um minúsculo brilho.
- Receberei o cargo prometido?
- De governador? Claro. Prometi-lhe a província de Agassiz, e cumprirei.
- Tenho certeza – ele asseverou, olhando para o telão, que exibia o planeta Marte dividido em zonas e províncias.
- Como vê – apontou para o mapa de Marte – o planeta foi dividido em zonas e regiões. Como governador, você estará subordinado ao presidente da sua zona, e ao Comitê. Agassiz possui reservas ilimitadas de ouro, prata, cobre e platina. Fica numa cratera de cento e dezessete quilômetros de diâmetro, próxima do manancial aquífero de Kunabar, e está dotada de dezoito seções habitacionais, contando com trinta e dois centros de gestão, um centro espacial, duas oficinas mecanográficas, um núcleo de cinética química, além de seis bases militares e quatro terminais para teletransporte. Foi o primeiro núcleo humano construído. Usamos robôs para fundir os módulos infláveis, acoplando os grupos e todas as estruturas foram dotadas com escudos para proteger os assentamentos de temperaturas extremas e radiação.
Clicou no teclado, e a tela apresentou imagens online:
- Observe – disse.
Ele viu os núcleos humanos. Extensos prédios redondos, com cúpulas de vidro, cercados por tubos largos e mais altos que um edifício de seis andares, cheios de janelas reluzentes, com grandes veículos flutuando em volta de uma densa vegetação cor de rosa, que margeava um lago oval, onde estavam as construções administrativas e as bases militares, pontilhadas por torres.
Ele notou o tom azul anêmico do céu e mexeu a boca, permanecendo em silêncio.
- Você comandará cerca de um milhão de pessoas, incluídos os habitantes, o pessoal administrativo, o militar, o de pesquisa e o de apoio. Inclua na conta os cinco por cento anuais que receberá dos dois trilhões de U.S. Mars que circularão nos centros humanos sob sua administração, e verá a importância do cargo de governador da cratera de Agassiz.
Os olhos dele cresceram.
- U.S. Mars – disse.
- O novo padrão monetário.
- Capricharei, então – disse.
- É seu dever.
- Esteja certa disso.

- Pode ir. Suas passagens e as reservas estão confirmadas. Encontrará no envelope suas coordenadas, documentos, cartões e um segundo chip, que deverá ser usado conforme expliquei.

Fitou-o com olhos argutos por alguns segundos e disse:

- Que tudo transcorra como combinamos.

Ele levantou e olhou o símbolo do Comitê na parede frontal:

Fez um cumprimento solene e deixou o lugar, sob os olhares de oficiais armados e de uma mulher oriental, devolvendo à mesa as fotos das três pessoas que deveria exterminar, guardando no bolso a outra fotografia.

CAPÍTULO 2

"O Cronovisor"

PASSAVA UM POUCO DAS QUATRO DA TARDE QUANDO O AVIÃO pousou no aeroporto JFK. Rachel Arriston mirava a pista e avaliava a extensão do seu cansaço. Queria muito estar em casa, jogar as roupas em cima da cama e descansar. O efeito da visita ao CERN e a estadia no Hotel Warwick Geneva, em Genebra, superaram todas as suas expectativas. Para pior, surpreendentemente. Ainda sentia arrepios, ao lembrar dos rostos soturnos dos agentes designados para sua segurança, e dos olhares furtivos das assistentes de laboratório.

O CERN estava muito longe de tudo o que lhe contaram, até então.

Rachel esfregou os olhos e virou-se para se despedir da companheira de voo, uma mulher madura, alta e bonita, que nem sabia o nome, e que, no decorrer da viagem, sem tirar os óculos escuros, havia lhe contado, por duas dúzias de vezes, o nome de todos os seus cães e gatos, e quanto gastava mensalmente para mantê-los.

O pouso veio, mas sentia que havia algo errado. Ela soube disso quando chegou no desembarque e procurou uma cafeteria. Desceu o elevador e andou entre as pessoas, querendo acreditar que aquele era mais um dia. Mas não era. Ela destrancou a porta e entrou de um jeito casual, com aparência cansada. Fez o pedido e aguardou poucos minutos. Logo havia uma jarra de café, uma xícara, uma cesta com pãezinhos e outra com cremes, pastas e doces. Junto à mesa tinha uma cesta de metal com uma pilha de revistas e jornais, abertos, lidos e espalhados. O The New York Times e o USA Today estavam sobre todos. Percorreu todos como se fossem as últimas edições e encontrou reportagens, avisos e matérias que confirmavam a realidade, o que preferia esquecer.

Rachel inspirou, desviando o olhar para a xícara. Sentia-se numa encruzilhada, mas não ficaria sentada como se tivesse todo o tempo do mundo, enquanto o planeta continuava alucinadamente em contagem regressiva.

Rachel Arriston bebericou alguns goles e, mesmo com fome, deixou os alimentos intactos, pagou a conta e saiu. Ela caminhou devagar, esfregando os braços. O dia estava com sol, mas fazia frio. Seus olhos brilharam ao ver a porta do táxi e o sorriso incentivador do motorista. Um minuto mais e estava a caminho, seguindo pela Valley Stream, em direção do North New Hyde Park, para alcançar o Queens. Ela mirava as ruas, os veículos e as pessoas, mas nem mesmo se o Belmont Park incendiasse ou a rainha da Inglaterra atravessasse a faixa de pedestres abraçada ao presidente dos Estados Unidos, desviaria a atenção da tormenta que avassalava a sua mente.

Não era a primeira viagem à Europa, mas estranhamente tudo parecia diferente. O sufocante diálogo com Douglas Ferrigan, diretor de tecnologias sistêmicas do CERN, por não abandonar seus pensamentos, certamente era a causa.

Douglas tinha sessenta anos. Nasceu no País de Gales e o seu rosto era como o de um ator dos anos 50. Ele não teve filhos; embora tivesse convivido por duas décadas com a mesma mulher. Conheceu John Arriston na Faculdade. Douglas esteve presente quando do desaparecimento de John, há alguns anos, após o falecimento da esposa Glória, vítima de um repentino câncer. Ele apoiou-a em Harvard e nos primeiros anos no laboratório em Boston, e foi o responsável direto pela liberação da verba para que Rachel montasse o aparelho de captação de ondas quânticas.

Sem ele, o seu Cronovisor não existiria.

“O cronovisor” – pensou.

Regulando o som do rádio, que anunciava possíveis mudanças atmosféricas em razão da passagem do asteroide ARN-2036 pelas cercanias da lua, o taxista perguntou:

- Na próxima quadra, senhora?

Rachel estava distraída, pensando em voz alta:

- O que farei com ele?

O homem corpulento a fitou pelo espelho, sem entender.
- Rachel – a voz de Douglas soou novamente, tão escorregadia quanto antes.
Ela viu luzes piscando. No instante seguinte, estava envolvida pelas recordações.
- O CERN é uma farsa, Douglas?
- Seu pai fez parte do Comitê central. Se estivesse aqui, ele diria para juntar-se a nós.
Ela sacudiu a cabeça.
- Tudo isso, todo esse aparato, tantos bilhões. Para vender uma mentira ao mundo? O colisor de hádrons é um teletransportador? Um asteroide vai acabar com o mundo e você crê que vou participar disso?
Douglas se aproximou e segurou suas mãos. Imediatamente, Rachel se desvencilhou. Sinestésica e diagnosticada com misofobia, sentia profundo incomodo ao ser tocada. Ele deu a volta e sentou, desligando o computador holográfico.
Ele ralhou no tom mais baixo possível:
- Droga, Rachel, que quer que eu faça? Não existem meios para enfrentar o inevitável.
Ela caminhou e olhou pelas extensas vidraças. Homens e mulheres de casacos azuis e gorros brancos, muitos com pranchetas e outros portando computadores redondos, circulavam em veículos de três rodas, enquanto técnicos ultimavam os preparativos. Ela refletiu olhando as faíscas que vibravam em torno do gigantesco cilindro.
- Por que não direcionaram o dinheiro arrecadado para a criação de meios capazes de desviar a trajetória do asteroide? O projeto Ónix, do Pentágono, não seria para a criação de um escudo para conter meteoros com bombas nucleares?
Ele tirou os óculos. Mirou-a por um minuto, mordiscando os lábios.
- Sabe que não funciona assim – disse.
Suspirou antes de prosseguir.
- O A-3 teletransportará milhões quando o colisor de hádrons estiver com sua capacidade completa. Usamos essa tecnologia há quarenta anos. A tecnologia legada por Tesla é perfeita e funciona.
Ele calou um momento, depois continuou:
- Na realidade, faz meses que começamos a enviar os primeiros lotes de civis.
- O quê?
- Milhares de empresários, financistas, jornalistas, professores, cientistas, militares, industriais, técnicos, cineastas, esportistas, escritores e muitos mais já estão em Marte, em segredo. Simulamos falecimentos, férias, tratamentos de saúde ou mesmo intermináveis viagens de negócios para justificarmos a ausência dessas pessoas. Nesse momento, existem centenas deixando a Terra.

Rachel ficou sem palavras. Ele continuou:
- O sistema será acionado integralmente nas próximas horas. Isso já foi decidido pelo Comitê Central. Tudo será conforme o cronograma estabelecido.
- Vocês se apropriaram da tecnologia de Nikola Tesla para isso?
- Não é o momento para discussões dessa natureza. Dispomos de dez aparelhagens para teletransporte nos Estados Unidos, na Europa e na Ásia, com capacidade de envio instantâneo de dezenas de pessoas. Com o Colisor de hádrons, enviaremos milhões em minutos. Nossas colônias lá, agora são cidades. Marte já está dividido em zonas e em regiões administrativas perfeitamente hierarquizadas. É real o que fazemos.
Ela ficou calada. Ferrigan empertigou-se.
- Você quer saber como enviaremos milhões em minutos?
Ele riu, vendo-a dar de ombros.
- Não consigo imaginar milhões de seres humanos desembarcando aqui no CERN.
- O Colisor funciona como uma porta multidimensional. O chip inserido na mão é o condutor básico e...
Ela o interrompeu:
- Vocês são capazes de fazer mesmo isso?
- Onde estiver, o selecionado será imediatamente teletransportado. Utilizaremos a base da Crescente Ressonante de Tesla. Haverá outra chance para milhões. Nova vida, novas regras sociais, outros conceitos. Marte é o nosso novo mundo. Milimetricamente planejado e controlado pelo Comitê central, que é integrado pelos principais líderes da humanidade.
- Você não percebe o que diz, Douglas.
Ele coçou a escassa cabeleira, e parou um metro diante dela.
- Não dispomos de tempo e nem de tecnologia para tirar o asteroide ARN-2036 da nossa rota. Mas temos como salvar grande parcela da humanidade, e levar cerca de 500 milhões de pessoas. Os portais receptores em Marte estão operantes, e as bases habitacionais, militares, energéticas e de gestão também.
- A capacidade do colisor suportaria? Conseguiria enviar mais pessoas, evacuando o maior número possível? Os centros de teletransporte existentes poderiam continuar funcionando?
- Em tese, mas tudo será desativado remotamente. Isso já foi determinado.
Os olhos dela brilharam intensamente.
- Não permita isso. Apresente essa sugestão ao Comitê Central para avaliação.
- O Comitê não decide sozinho.
Ela sacudiu pesarosamente a cabeça. Douglas continuou:

- Iniciamos a seleção há quarenta anos. Não pense que seguirão somente ricos, políticos, militares ou intelectuais. Décadas de avaliação englobando os aspectos físicos, genéticos, culturais, psicológicos e vocacionais, para obtermos as pessoas para a nova humanidade.
Rachel arqueou as sobrancelhas escuras. Ele prosseguiu:
- Aqui estão as suas credenciais, seu chip, seu selo, seus documentos. Tudo o que precisará. Sua transferência será rápida, em minutos e com segurança.
Douglas esticou o braço segurando um envelope, mas recuou, antes de dizer:
- Seu pai fundou o Comitê. Você é importante demais. Seus conhecimentos sobre transmissão de ondas e seus estudos sobre magnetismo multidimensional dos campos magnéticos dos planetas serão de extrema utilidade.
Ela balançou a cabeça. Ele continuou:
- Há água abundante abaixo da superfície marciana. Existem geleiras nos polos e a concentração de metano na composição do ar é compatível.
Ele fitou Rachel. Não encontrou nela nenhum traço da adolescente tímida, retraída e quieta dos dias que antecederam o desaparecimento de Glória Arriston; e nem algum indicio da acadêmica voluntariosa que estagiou com ele. Diante dele, estava uma mulher diferente, pronta para defender os ideais, ao custo da própria existência.
- O céu de Marte é azul, Rachel. Pálido, mas é azul – disse, enfim.
Ela recusou negando com a cabeça, e pegou a pasta, que estava na mesa. Não conseguiu esboçar um mínimo sorriso de despedida.
- Leve alguém no meu lugar para admirar o entardecer com você.
Ela olhou para o lado de fora da porta de vidro, meneou a cabeça e prosseguiu:
- O militar sentado ali fora – apontou, agitando a cabeleira. – Não é o mesmo que faz a sua segurança e a de sua família há anos?
Ela cruzou os braços antes de continuar:
- Sim é o mesmo que salvou você, quando escorregou no canyon, na excursão que fizemos há dois anos. Ele estará entre os escolhidos ou, caso contrário, permanecerá ali, enquanto uma rocha igual a uma montanha se aproxima?
Douglas passou a língua nos próprios lábios, engolindo a saliva.
- Glória e John Arriston não deixariam que ficasse. Você leu a carta. Era desejo de seu pai que soubesse de tudo. Rachel, por favor.
Ele recolocou os óculos.
- Não sei o que me impede de levá-la para Marte à força, mesmo amarrada – disse.
Rachel pensou um instante. Em seguida, fechou os olhos por segundos, e, ao reabri-los, disse:

- Seja muito feliz em Marte.
Virou-se e caminhou, com o cartão de identificação na mão, que largou sobre a mesa do oficial, após abrir a porta eletrônica. Luzes róseas e claridade incandescente ofuscaram seus olhos repentinamente, pondo à prova sua hipersensibilidade sinestésica. Ela reabriu os olhos, ofegando. O taxi tinha estacionado ao lado de uma fila de carros.
- Fique com o troco – disse.
- Sempre às ordens.
Rachel caminhou com os olhos nas aves que saltavam no gramado. As gramíneas pareciam mais verdes e havia pequenos montes de terra feitos por formigas sobre a grama. Ela olhou o céu e suspirou. Paul, filho do casal Donovan, da casa à esquerda, segurava os cães em volta da piscina, enquanto as gêmeas alemães Aletha e Christine Rellemann, suas alunas em cursos de extensão, do casarão do outro lado da rua, acenavam do carro.
Ela esboçou um sorriso desconcertado, brincando consigo mesma. Não cumpriria a promessa feita no avião. Precisava ir ao laboratório no porão. Descansaria depois. Tomou um copo de leite, e desceu as escadas, batendo o joelho esquerdo no corrimão, antes de acender as lâmpadas.
****
O cronovisor. Seus olhos cintilaram ao vê-lo. A máquina para captar sons e imagens do passado. Sabia que deveria desmontá-lo.
- O padre Ernetti teve o mesmo sentimento, certamente.
Fitou o aparelho imaginando se, dessa vez, funcionaria ou se exibiria apenas riscos sem som. O ambiente parecia mais frio do que antes, e amaldiçoou intimamente o aquecedor. O ar gelado trazia estranhas sensações, todas relacionadas com os últimos acontecimentos.
Seria certamente ridicularizada pela imprensa e nos meios acadêmicos, caso revelasse sobre a existência do Comitê Central ou sobre as colônias humanas em Marte e o teletransporte. Pior ainda: perderia completamente a credibilidade se erguesse a voz contra o CERN e a NASA. Ela cruzou os braços literalmente e inspirou. Os maiores conspiradores da história humana riam e ela nada podia fazer para silenciá-los.
Quem acreditaria se contasse que mentiam sobre a rota do asteroide, ou que a NASA era um disfarce para iludir a opinião pública? Pior do que isso, era ter que esconder que o colisor de hádrons do CERN era uma máquina para teletransporte remoto de pessoas, que utilizava o sistema multidimensional de Nikola Tesla, testado, pela primeira vez, no experimento Philadélfia, durante a Segunda Guerra Mundial.
Após a aflição, rendeu-se, e ligou o aparelho. O cronovisor sacudiu-se e apareceram riscos e pontos na tela. Ela olhou para o seletor de épocas, mas não mexeu nele. Os

minutos transcorreram lentos e sem novidade. Ela tornou a pensar no padre Ernetti, rogando para dar certo. Quando parecia que seria como antes, soou uma voz baixa e concentrada:

- Esperava você – disse um homem magro e envelhecido, cercado de pombos.

Rachel cobriu a boca com as mãos. Ele prosseguiu:

- Não sei quem é você. No entanto, rogo para que esteja em Nova Iorque. Acredito que seja mulher, pois são mais perspicazes. Parabéns por utilizar o cronovisor. Se for sua primeira experiência exitosa com ele, rejubilo-me por ter passado adiante o projeto, comprovando que as informações elétricas geradas pelo corpo humano, transmitem energia neural.

Ela não suportou e caiu de joelhos. O homem continuou:

- Para mim, hoje é o terceiro dia do mês de janeiro de 1943. Responderei perguntas no momento que eu pausar, embora não saiba o que perguntará e nem se as minhas respostas atenderão seus questionamentos. Meus perseguidores acreditam que enlouqueci, quando me veem conversando com pombos aqui ou no parque. O tempo presente pertence a eles, mas o futuro pertencerá a mim. Estou aqui para tratar do asteroide, que em 1908 estimei a data da colisão.

O homem espichou-se com dois pombos no braço:

- Sou Nikola Tesla. Comecemos, portanto – disse.

Ele estava sentado, no quarto 3327, do New Yorker Hotel, em Nova Iorque, onde faleceria em 07 de janeiro de 1943.

CAPÍTULO 3

“Os olhos mais tristes do mundo”

O AR FRIO PENETRAVA PELA JANELA E ELE SENTIU QUE ESTAVA atrasado. Olhou para o relógio. Aquele era um dia importante. Tinha chegado o momento que tanto aguardava. Todos os anos, toda a experiência seria posta em ação. O seu poder de convencimento deveria ser perfeito, muitas vezes melhor do que antes. O celular vibrou com uma mensagem:

AFINAL, JÁ ESTOU NO HANGAR. CADÊ VOCÊ?

Confirmou que estaria no horário avençado, respondendo o WatsApp. Ficou à janela por um tempo, mirando a penumbra que se aproximava. Enrolado numa toalha, ele se

barbeou e tomou uma ducha, sacudindo o frasco de shampoo, que estava pela metade. Vestiu-se ao lado da cama e voltou ao banheiro, olhando-se no espelho oval.
Retornou à mesa e sentou. Deu um estalo com a língua e contemplou a tela do computador de mão. Depois de muito ponderar, riscou da mente as demais opções, concentrando-se na principal. Sabia que trabalhava com um espectro muito amplo e que não havia nenhum motivo racional, estatístico e cientifico por trás de sua decisão. Existia somente uma opção. Era necessário. Mesmo contra seu desejo original de querer tudo.
Abriu uma gaveta e pegou dois envelopes. Sacudiu-os, observando os documentos e fotografias. Havia páginas grampeadas em fotografias antigas, junto de listas com endereços, movimentações financeiras e relatórios de serviços de inteligência com selos de diferentes governos. Havia, ainda, um maço grosso com informações técnicas, com históricos de militares e membros da NASA, da CIA e do CERN. Folheou algumas páginas de frente para trás, enfiando tudo de volta nos envelopes, lacrando em seguida.
Mordiscou a unha do polegar esquerdo, olhando para o lado. Foi ao armário, abriu o cofre e pegou a pistola. Fazia anos que ela estava guardada, e sentia que poderia ser útil. Ajeitou-a na valise, sacudiu a lapela e desceu a escada de granito da sua mansão, nos arredores de Genebra. Percorreu o caminho em silêncio, e as luzes ao longo do comprido salão se acenderam em sequência, seguindo os seus passos.
Olhou para o alto, antes de entrar na limusine. Não havia nuvens, mas um céu pontilhado de estrelas que não lhe chamava a atenção. A temperatura despencava anunciando uma noite gelada. A escuridão vinha do Leste, por trás das árvores e dos prédios.
- Senhor – disse o segurança.
- Sim.
- O trajeto está limpo. Os batedores já retornaram.
Ele acenou concordando.
- Perfeito – disse.
- Podemos ir?
Ele olhou uma vez mais para o alto. Um brilho em volta da lua o deixou em silêncio por um momento. Embora plenamente ciente do que se tratava, mais uma vez, sentiu algo amargo na boca, como tantas vezes antes.
- Senhor?
- Sim, estou pronto – disse.
No caminho, sozinho na cabine isolada do luxuoso veículo, ele retirou o lenço e chorou. Pegou a carteira na valise, puxando para fora algumas fotos, que mirou com os olhos mais tristes do mundo. Inspirou com força. Era necessário.

CAPÍTULO 4

“A fórmula para salvar o planeta”

RACHEL PERAMBULAVA DESCALÇA PELO PORÃO, ATÉ FINALMENTE sair do transe. Não estava assustada com o funcionamento do cronovisor. Afinal, sempre acreditou que eram factíveis as informações relativas ao experimento realizado pelo padre italiano Pellegrino Ernetti, e que os livros a respeito sempre indicavam fontes seguras ou, no máximo, pouco duvidosas.

O problema era outro.

Quando conseguiu as cópias do projeto de Ernetti e as fotos do aparelho, obtidas no depósito do Vaticano, Rachel foi avisada, pelo seu contato, que a máquina fora idealizada por Nikola Tesla, e que este decidira passar adiante o conhecimento, da mesma maneira como fizera com o rádio, que Marconi registrou como seu invento, embora tempos depois a Suprema Corte dos Estados Unidos reconhecesse como de Tesla o projeto original.

O cronovisor que ela construiu seguiu o traçado pelo padre Ernetti em quase tudo. Tinha um gravador, o tubo para projeção em 3D, o motor, o seletor, duas antenas feitas com metais radiantes, além de ouro, platina, prata e os demais aparatos necessários à captação do campo magnético terrestre. A diferença estava no tamanho. Enquanto em suas anotações, o monge beneditino previu um objeto com cerca de um metro e meio de comprimento por dois de largura, Rachel, ao contrário, miniaturizou as peças, deixando o seu com o tamanho de uma torradeira, cabendo numa mochila, com acionamento remoto e impressão.

Blavatsky, Steiner e Spalding foram personalidades que afirmaram enxergar através da bruma do passado ou do futuro e penetrar nas origens da humanidade. No entanto, seguindo o mesmo pensamento de Tesla, que defendia ser possível captar os sinais elétricos da existência humana, na metade do século XX, o cientista, musicólogo e exorcista Ernetti, conforme as revelações que fez em 1972, esclareceu ter realizado a proeza de ver e ouvir o passado, como se estivesse assistindo Tv.

“Também, se fosse assessorada por Wernher Von Braun e Enrico Fermi, como aconteceu com o padre, seria capaz até de me transportar ao passado” – pensou Rachel, apoiando-se na poltrona para levantar.

Sentiu o joelho doer ao erguer o corpo, enquanto Nikola Tesla falava, e percebeu que necessitava ingerir qualquer alimento. Subiu a escada, percorrendo rapidamente o espaço até a copa. Bebeu um grande gole de leite, e retornou, pegando uma pasta etiquetada com o nome do seu experimento, e outra contendo documentos e fotos das experiências de seu pai no laboratório de Boston, na NASA e no CERN.

Tesla permanecia falante como antes, e já discorria sobre como imaginava o futuro, após vencido o grande perigo – maneira como ele intitulou o iminente episódio relacionado ao asteroide ARN-2036. Rachel puxou a poltrona de rodinhas para perto do visor, colocou a garrafa de leite ao lado, abriu a pasta e cruzou as pernas enviesadas.

- Certamente será ridicularizada caso leve o episódio a público – disse Tesla.

Rachel coçou a testa.

- Você é alguém que o sistema fará de tudo para anular.

Ela bebeu mais um gole. Ele prosseguiu, com os pombos no braço:

- Não se surpreenda se for taxada de louca e presa.

Ele pausou para acariciar as aves. Descruzou as pernas e colocou o cotovelo no braço do assento, apoiando a cabeça na mão esquerda. Rachel entreabriu os lábios. Tesla ficou quieto, mas seu olhar parecia estar focado diretamente no dela.

- Passei meus últimos dez anos aqui. Desconfiando de todos. Necessitando dar três voltas no quarteirão, antes de entrar no hotel.

Ele calou-se um instante. Rachel aproveitou a nova pausa, para observar a figura magra. Nikola Tesla, o gênio mais injustiçado da história. Para ela e para muitos o mais importante inventor da modernidade. O criador da corrente alternada, vencedor da Guerra das Correntes contra Thomas Edison, e o responsável por difundir a energia elétrica, ficando conhecido pelas incontáveis contribuições revolucionárias no campo do eletromagnetismo, com inúmeras patentes. Estranhamente, solaparam o seu desbravamento do futuro e o desejo de provar a possibilidade de inventos até então impossíveis, e espalharam a ideia de que era um homem excêntrico, solitário e louco.

Tesla passou o indicador na cabeça do pombo pousado em seu colo. Seu olhar virou para o lado. Ela entendeu como um sinal e perguntou:

- O que devo fazer?

Passados alguns minutos, Tesla ergueu o envelhecido corpo e ajeitou o paletó escuro. Deu três passos para a esquerda, outros três para a direita e mais três para o centro. Rachel contou cada um deles lembrando-se da famosa obsessão do inventor pelo número 3 e por números divisíveis por 3. Tesla olhou para a janela. Em seguida, ele deslizou rapidamente ficando com o rosto esquálido colado ao visor do aparelho.

- New Yorker Hotel – disse. – Quarto 3327, meu aposento. Quarto 3328, meu estúdio. Preciso que verifique se o meu pedido foi atendido.

Rachel ficou completamente confusa. Tesla continuou no mesmo tom:

- Há tempos pedi um favor ao gerente do hotel. Ele jurou que faria após a minha morte. Vá lá e verifique se colocaram placas nas portas de cada um dos quartos. Se isso se realizou, você encontrará algo importante inscrito nelas.

Nikola Tesla passou a ponta do dedo no queixo, antes de concluir:

- A fórmula para salvar o planeta.

CAPÍTULO 5

“James Pratty”

O AGENTE DA FEMA JÁ TINHA PASSADO UMA DEZENA DE VEZES naquela rua desde sua chegada em Nova Iorque. Estava há pouco tempo naquela seção regional da agência, e tudo o que mais detestava era permanecer escondido dentro do carro, observando. Apesar das desconfianças dos colegas, sentia-se preparado para ação, e não para mera averiguação.

Um resmungo conformado escapou dos seus lábios. Aquilo acontecera antes, no Oregon, e terminou numa desconfortável situação, e não pretendia repetir o mesmo desastre, quando terminou com os lábios colados pelos contrabandistas que monitorava, sendo salvo no último instante por seu grupamento.

Para o corpulento James Pratty agora não teria que bisbilhotar mafiosos ou detectar estranhos movimentos de gangues urbanas. A tarefa era simples e a pessoa bastante fácil de ser controlada. Ele apenas não compreendia os motivos que levaram a agência a numerá-la com o código F1.

O celular dele vibrou. Era o superintendente Gary Flynt, do escritório em Manhattan.

- Informe, Pratty – disse.

- Chegou de táxi e enfiou-se na casa. Tem meia hora que está no porão – respondeu, mirando o sensor do espectrômetro.

- Ok.

- Senhor.

- Sim.

- Por que o código F1? Ela não tinha indicadores para isso antes de hoje. Além disso, sua reputação...

Flynt tossiu.

- James – disse. – Isso está fora de sua alçada. Apenas cumpra o ordenado.

- Senhor.

O superintendente tossiu mais forte.

- Diga.

- F1 significa a permissão para matar.

- Não precisa me ensinar o trabalho.

- Não compreendo, senhor.

- Você está questionando ordens, agente?

- Não, senhor.

- Então, execute o seu trabalho.

James estava impaciente.

- Com todo respeito, ela não estava na lista F1 até a manhã de hoje.

Ele ouviu a imprecação que Gary Flynt fez.

- Pratty, o nome dela está na lista?

- Sim, senhor.

- O código F1 e a cor vermelha estão no script dela?
- Correto, senhor.
- Seu dever, portanto, é fazer o seu trabalho. Caso ela aja fora da conformidade, e ainda que não aja, mas seja necessário, deverá ser bloqueada imediatamente, ok?
O agente soluçou e olhou para o maço de cigarros.
- Senhor...
Flynt não respondeu e encerrou a ligação.
- Merda! Fiz merda!
Pratty sacou dois cigarros ao mesmo tempo, deixando um sobre o banco do carona. O espectrômetro exibia uma silhueta, com seus potentes sensores, capazes de atravessar paredes de até quatro metros de espessura, cobrindo distâncias superiores a oitocentos metros.
- Droga!
O agente de trinta e três anos, baforou como se fosse a primeira vez que tragava. Cuspiu pela janela, por pouco atingindo um garoto que descia a rua num skate. Ele avaliou a impertinência praticada. Filho único, Pratty passou boa parte da infância e adolescência num orfanato. Não conheceu a mãe, e pouco tinha convivido com o pai, que era oficial na OTAN, e desapareceu num desastre de avião, nas Montanhas Rochosas, quando estava com dez anos. Um dia, recebeu uma carta de um advogado, informando que seu pai havia deixado valores substanciais, junto com uma relação de contatos pessoais, que poderiam ajudá-lo na faculdade e no mercado de trabalho.
No final, graças as muitas amizades amealhadas por seu pai, e ao dinheiro que ele deixou, Pratty afirmava, apesar de tudo, que era um homem de sorte.
“A merda foi que gastei quase tudo em Las Vegas” – lembrou-se.
Tornou a olhar para o espectrômetro. A pessoa permanecia no mesmo lugar e na mesma posição.

CAPÍTULO 6

“As gêmeas alemãs”
OS COLEGAS E AMIGOS DE RACHEL SEMPRE BRINCARAM QUE SUA casa era parecida com um museu. Prateleiras cheias de objetos estranhos, mais livros do que retratos, pilhas de caixas contendo pastas, fotos, estatuetas e indumentárias antigas. Apesar de não ser particularmente desorganizada, ela venerava quinquilharias. Rachel tinha o que os conhecidos afirmavam como recanto adequado para distribuir a própria

loucura; pois, em meio à balbúrdia, que assomava nos cômodos da casa herdada dos pais, ela sabia exatamente onde cada coisa se encaixava.

Aos trinta e três anos, Rachel não se sentia um símbolo de beleza. Era magra, alta, com cabelos castanhos escuros muito compridos, e tinha lábios salientes. Adorava vestir-se com roupas soltas, como vestidinhos ou saias, para mostrar as pernas, que via como as partes mais bonitas do seu corpo. No entanto, não se sentia nada bem, quando abriu a porta e encarou o sorriso de Christine Rellemann:

- Rachel, tudo bem?

- Nossa – disse sua irmã, Aletha. – Que cara é essa?

Rachel balançou a cabeça, vendo o reflexo no espelho do lavabo.

- O fuso horário – respondeu. – Não preguei no sono. Estou assim há dias. – disse desajeitada, tropeçando numa explicação que não convencia nem a si mesma, sem estar certa de porque se sentia tão constrangida em dizer aquilo.

Rachel sentiu o rosto esquentar e teve alguma dificuldade em olhar nos olhos delas, que estavam presos no seu rosto. Houve um silêncio logo compreendido por ela.

- Ah, entrem – disse após alguns segundos.

As gêmeas avançaram, olhando para os lados.

- Vi quando entraram no carro.

- Aletha trocou o celular. Estivemos no centro comercial.

Rachel olhou para o fundo da sala e esfregou a nuca. Havia deixado aberta a porta de acesso ao porão. A voz de Tesla soava em volta. Aletha percebeu:

- Tem mais alguém em casa? Retornamos depois, se quiser.

- Pensamos que pudesse esclarecer sobre as melhores respostas ao questionário da semana passada. O teste será daqui a três dias. – falou Christine, sentando.

Rachel friccionou a testa. Tinha suspendido as aulas particulares de eletrodinâmica e estática para visitar o CERN. O dinheiro desse serviço, gerava mais recursos do que o salário do instituto, e rendia mais do que os dividendos dos seus livros. Embora tivesse um rosto famoso e um sobrenome conhecido, Rachel não sabia muito bem como lidar com valores, e quase sempre investia mal o que dispunha, necessitando completar os ganhos formando turmas extras de alunos.

Ela olhou para as universitárias com carinho e esboçou o melhor sorriso que tinha em estoque naquele momento.

- Sim, tem razão.

- Retornaremos outra hora. Você precisa descansar – riu Aletha.

A voz de Tesla vibrou. Rachel apressou-se:

- É um vídeo. Estava no porão revendo lições antigas.

O pedido do inventor retornou à mente. Ir no hotel, por mais estranho que soasse, não lhe parecia algo tão improvável, embora relutasse intimamente em dar crédito total ao que o cronovisor apresentava.
“Duvidando do próprio invento” – pensou.
Rachel deu passos para o lado na direção do porão.
- Vão para o gabinete. Sairei por uma ou duas horas, e creio que nesse tempo poderão revisar a temática e formular melhor os conceitos. Discutiremos as melhores opções de respostas depois. Ok?
- Não vejo nenhum problema. Podemos lhe fazer companhia no jantar.
- Isso – disse Rachel.
Ela virou o rosto e depois retomou a conversa:
- Já conhecem o lugar e não irão estranhar...
Aletha riu:
- A bagunça?
Rachel também sorriu.
- Esperem um momento – disse, avançando.
Ela retornou ao porão e desligou o aparelho, colocando-o no compartimento secreto atrás da estante lateral. Vestiu uma calça, trocou a blusa e colocou um casaco. Trancou a porta, digitando a senha no painel eletrônico. Ajeitou o cabelo e caminhou até o gabinete. Deduziu que poderia verificar a existência das placas na internet. Mas, acreditou que Tesla desejasse que pegasse nelas. Talvez escondessem algo. Algum tipo de sinal, marca, traço, algo que justificasse a frase dita por ele:
“A fórmula para salvar a Terra”
As alemãs estavam com os olhos presos no computador.
- Não demorarei, garotas. Peguem salgados na terceira porta do armário sobre a pia, caso queiram. Trarei pizzas e refrigerantes. Ah... nada de cerveja. Lembro-me muito bem a algazarra da vez passada – disse.
- Não podemos beber lá em casa – disse Christine.
- Nem aqui – disse Rachel com um sorriso, dando tchau para elas.
Já no Toyota, desceu a rua seguindo para Manhattan. Duas centenas de metros atrás, James Pratty estava em dúvida se devia segui-la ou aproveitaria para inspecionar o imóvel. Havia as duas garotas, lembrou-se, mas o espectrômetro indicava que estavam paradas num dos ambientes da casa.
“Não serão problemas” – deduziu.
Pratty achou melhor atuar primeiro e depois relatar ao superintendente. Rachel Arriston não deixaria a cidade. Ele pegou o necessário para agir e saiu. Caso tivesse

olhado para o lado oposto da rua, veria o Chevrolet preto, que ultrapassava naquele momento o seu carro. Quem o conduzia não tiraria os olhos do Toyota nem que estivessem perfurados.

CAPÍTULO 7

"New Yorker Hotel"

O WYNDHAM NEW YORKER LOZALIZADO NA 8ª AVENIDA, EM Manhattan, ficou mundialmente conhecido como um hotel histórico pelo número de personalidades que hospedou como Joan Crawford, Fidel Castro, Frank Sinatra e Muhammed Ali, além de ter sido o endereço de Nikola Tesla por dez anos. Foi inaugurado em 02 de janeiro de 1930, e após o auge entre os anos 40 a 50, esteve

fechado na década de 70. A partir de 2014, passou a integrar a cadeia hoteleira Wyndham, que realizou melhorias significativas nos salões, aumentou o número de quartos, reformando o lobby e os vários restaurantes, recolocando-o como cartão de visitas no Garment District.

Rachel deixou o carro próximo da estação Pensilvânia e seguiu a pé.

O entardecer avançava e, como fazia frio, acreditou que caminhar pelas ruas por onde Tesla circulou, traria reminiscências interessantes. Inspirou profundamente ao ver as luzes do Empire State Building, e sorriu ao lembrar de como tudo seria sem eletricidade, imaginando se as pessoas refletiram alguma vez a respeito. Olhou para o Starbucks Coffee e o McDonald's no outro lado da avenida, e ficou cheia de vontade de ir até lá e comer. Comer bastante. A Pizzaria Famiglia mais à direita estava hipnotizante. Ela riu outra vez, lembrando-se da promessa feita às gêmeas alemãs.

Ela ergueu o pescoço extasiada com o comprido letreiro. Um casal de japoneses, com duas crianças e outras duas pessoas apontaram para ela, murmurando que deveria ser sua primeira vez em Manhattan. Ao vê-la, o porteiro impecavelmente vestido perguntou:

- Posso ajudá-la, senhora?

- Oh, não. Obrigada.

Sentia fome quando caminhou para o interior do hotel. As placas indicativas dos seus restaurantes e cafeterias, e o volume de pessoas seguindo rumo a eles, provocaram espasmos dentro dela. O grande hall a paralisou. As poltronas, as grandes jardineiras, o piso de granito. O grande lustre central. As arcadas metálicas. Ela desviou o foco para as paredes clássicas e viu um cartaz anunciando para o inverno seguinte a realização de um seminário em homenagem a Nikola Tesla.

Parada no átrio, ela mirou o emblema do hotel acima da recepção e a moldura em metal e granito, que trazia informações sobre o falecimento do inventor. Leu o texto como se estivesse pronunciando a sua iniciação catedrática:

- Aqui morreu, em 7 de janeiro de 1943, com a idade de 87 anos, o grande cientista e inventor iugoslavo-americano Nikola Tesla, cujas descobertas no campo da alternância elétrica...

Ela parou a leitura ao sentir um cutuco no braço. Rachel estremeceu e piscou várias vezes, apoiando o braço numa poltrona.

- Você pode dar licença – disse-lhe uma garota, que segurava um urso de pelúcia.

A imagem da menina estava distorcida e pálida como a de um fantasma. Um vulto antigo, que o seu espírito mantinha dentro de um involucro intransponível. Havia um casal bonito com ela. O homem estava agachado e apontava para a placa, explicando para a garotinha que aquele hotel foi a última moradia do homem mais inteligente da Terra.

Rachel apertou os olhos e soluçou seguidamente. Luzes piscaram e os sons dos passos das pessoas multiplicaram por cem. A sensibilidade estourava. A sinestesia. A

mistura de tudo. Sempre foi assim, desde criança. As desconfianças. Os cheiros, todos, sempre mais fortes, cada vez mais. Imagens da adolescência. O pouco contato com os pais, naquela época.

Percebeu que iria desabar, e procurou firmar as pernas, como fazia quando estava na equipe de natação da Faculdade.

Ela viu pessoas alegres em volta. Glória e John Arriston. Eram eles. O casal. A garota. A placa do hall do hotel. Já tinha visto aquela placa. Já estivera ali, mas por que não recordava? O que a impedia? Olhou em torno de si. A menina tinha sumido. Viu o balcão. Quis correr até ele. Um funcionário esticou os braços, para ajudar. Três hóspedes desviaram-se dela. Rachel rodou e caiu, ao tropeçar em uma mala alta. Sua bolsa rolou. O joelho latejou. Contorceu-se, enquanto braços vinham até ela. As placas dos quartos 3327 e 3328. Sim, existiam. Agora lembrava. Estava no hotel para vê-las, mesmo exausta. Questionou-se se era mesmo necessário vê-las e tocar nelas.

- Eu ajudo – disse uma voz feminina. – Ela está comigo.

Mãos firmes agarraram Rachel pelos braços. Ela recuou. A misofobia soava forte. Mirou olhos claros e bonitos, por trás de uma armação de metal, que pareciam sorrir para ela. Uma sensação confortável percorreu seu corpo.

- Venha – disse, amparando-a. – O carro está perto daqui.

Um recepcionista recolheu a bolsa.

- Obrigada – disse. – Ela ficará bem.

- Temos um serviço médico – disse o funcionário, vendo-a abrir a boca de Rachel.

- Mel – disse ela, com um sorriso, despejando na língua da cientista. – Crise de hipoglicemia. Logo estará melhor.

A mulher agradeceu, caminhando com Rachel.

- Obrigada.

O homem as acompanhou com o olhar, até as duas deixarem o saguão. Depois, girou e olhou para a placa do hall. Desviou o olhar para os seus pés por instinto. Havia uma agulha pequena no seu sapato. Minúscula, e com um adesivo preso nela.

CAPÍTULO 8

“O Invisível”

MESMO COM A INCOMODA E SALIENTE BARRIGA, QUE EM NADA colaborava com a silhueta, James Pratty não encontrou dificuldade para ultrapassar a

janela lateral da cozinha. O burburinho de vozes vindo do interior da residência, confirmava que as recém-chegadas permaneciam entretidas. Ele sorriu. Agir em silêncio, pisando como se estivesse com luvas no lugar dos sapatos, era sua especialidade.

Havia uma garrafa de leite em cima da mesa de canto. Pratty deu outro sorriso, ajeitando as luvas. Encheu um copo e bebeu devagar. Depois o lavou, enxugou meticulosamente e guardou, recolocando a garrafa onde estava, com o cuidado de colocar água dentro dela até o exato limite anterior.

Pratty amava esse tipo de ação. Intitulado por amigos como o 'invisível', divertia-se quando era convocado para vistoriar escritórios, casas ou prédios. O fato de tomar o leite e deixar tudo rigorosamente como antes era muito pouco para ele. Criterioso, certa vez, vasculhou o gabinete de quatro turcos, em Orlando, na Flórida, enquanto eles se divertiam com garotas de programa. Sua ação foi tão bem executada que conseguiu, inclusive, penetrar e sair de um quarto escuro, para recolher digitais, enquanto um dos casais fazia sexo.

Deslizou com cuidado até alcançar o ponto em que Rachel estivera mais cedo. Tocou na porta. Trancada. Meneou a cabeça para observar o pequeno painel de digitação. Retirou, então, um aparelho semelhante a uma caneta, e desdobrou-o duas vezes. Um sensor quadrado apareceu, e ele o encostou no painel. Esperou alguns segundos e depois ouviu um ruído. A tela do sensor piscou duas vezes. Na terceira, a porta destravou.

- Pegue para mim também – soou a voz de alguém, que avançava na direção da cozinha.

Era Aletha. Pratty recolheu o sensor, entrou rapidamente no porão e encostou a porta, sem a trancar, no exato instante que a alemã aparecia. Ela seguiu sem notá-lo. Cantarolando, pegou os salgados no lugar indicado por Rachel e duas garrafas de cerveja.

Esticou o pescoço para o corredor e gritou:

- Duas garrafas bastam?

- Depois pegamos mais – respondeu a irmã.

Ela olhou em volta, caminhando até a janela. Olhou rapidamente para o lado de fora e depois deu um giro sensual, fez a volta e retornou dando saltinhos.

O agente olhou em volta, descendo os degraus em silêncio. Antes de acender as luzes, procurou o local onde o espectrômetro tinha indicado a existência de uma câmera de circuito interno de Tv. Ao localizá-la, ele anexou nela, com adesivos, um instrumento do tamanho de uma caixa de fósforos. Esperou alguns segundos, e depois acendeu as luzes. Aquele aparelho era um dos seus queridinhos. Inseria um vírus-espião, que além de copiar e enviar remotamente as imagens e gravações, podia limpar e ajustar as filmagens, eliminando ou acrescentando o que fosse necessário, tornando Pratty literalmente 'invisível'.